

VIDA BRASILEIRA

A pesca da beleza

No silêncio da selva amazônica, centenas de brasileiros ganham a vida capturando peixes ornamentais

TEXTO E FOTOS DE PEDRO MARTINELLI

No coração da Floresta Amazônica, mais de 400 quilômetros ao norte de Manaus, o Rio Negro forma um gigantesco emaranhado de igarapés e lagoas. Ali, nada impressiona mais do que o silêncio. É possível passar semanas sem ouvir uma voz humana. Esse é o mundo do piabeiro, um tipo de pescador que não mata a sua presa. Ao contrário. Seu sustento depende de manter os peixes vivos para que cheguem intactos a lugares tão distantes como Japão, Holanda e Estados Unidos. Esses brasileiros passam seus dias com os pés enfiados na areia fofa dos canais estreitos do Rio Negro, enfrentam o perigo de cobras e arraias e pescam entre 10 milhões e 15 milhões de peixes ornamentais por ano, que são vendidos para aquaristas do mundo inteiro. Quem vê os peixes no aquário, tão coloridos, tão pequenos, não imagina o trabalho que dá capturá-los.

A maioria dos piabeiros mora com a família em barcos a motor e com telhado de palha e usa pequenas canoas para entrar nos igarapés. Vende seu produto para os aquaristas das cidades e seus representantes nos vilarejos ribeirinhos. Só na região de Barcelos, cidade a 420 quilômetros de Manaus, de onde sai hoje a maior quantidade de peixes ornamentais do Amazonas, existem mais de 300 piabeiros. Sua rotina diária de trabalho lembra um ritual. Os pescadores entram nos igarapés em absoluto silêncio para não assustar os peixes. Suas canoas deslizam lentamente pela superfície. Mal se percebe o movimento dos remos. Eles pes-

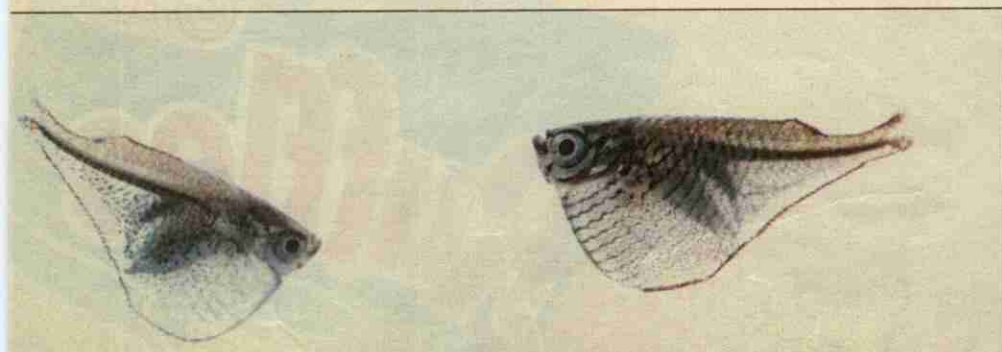
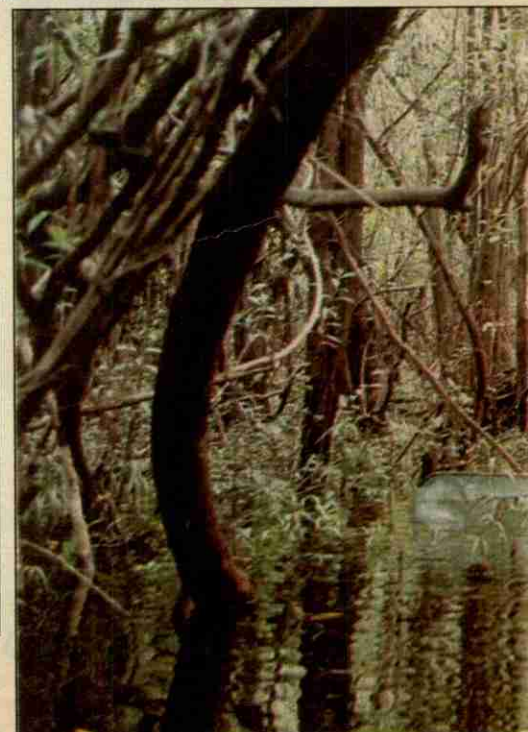
cam sozinhos ou em grupos pequenos, geralmente pai e filhos ou marido e mulher, e não trocam uma palavra por várias horas, entendendo-se apenas com o olhar. No meio do igarapé, abaixando-se para escapar dos galhos das árvores, o piabeiro entra na água com cuidado. O ataque de uma arraia é tão doloroso que, às vezes, o piabeiro não consegue nem andar. Há cobras venenosas.

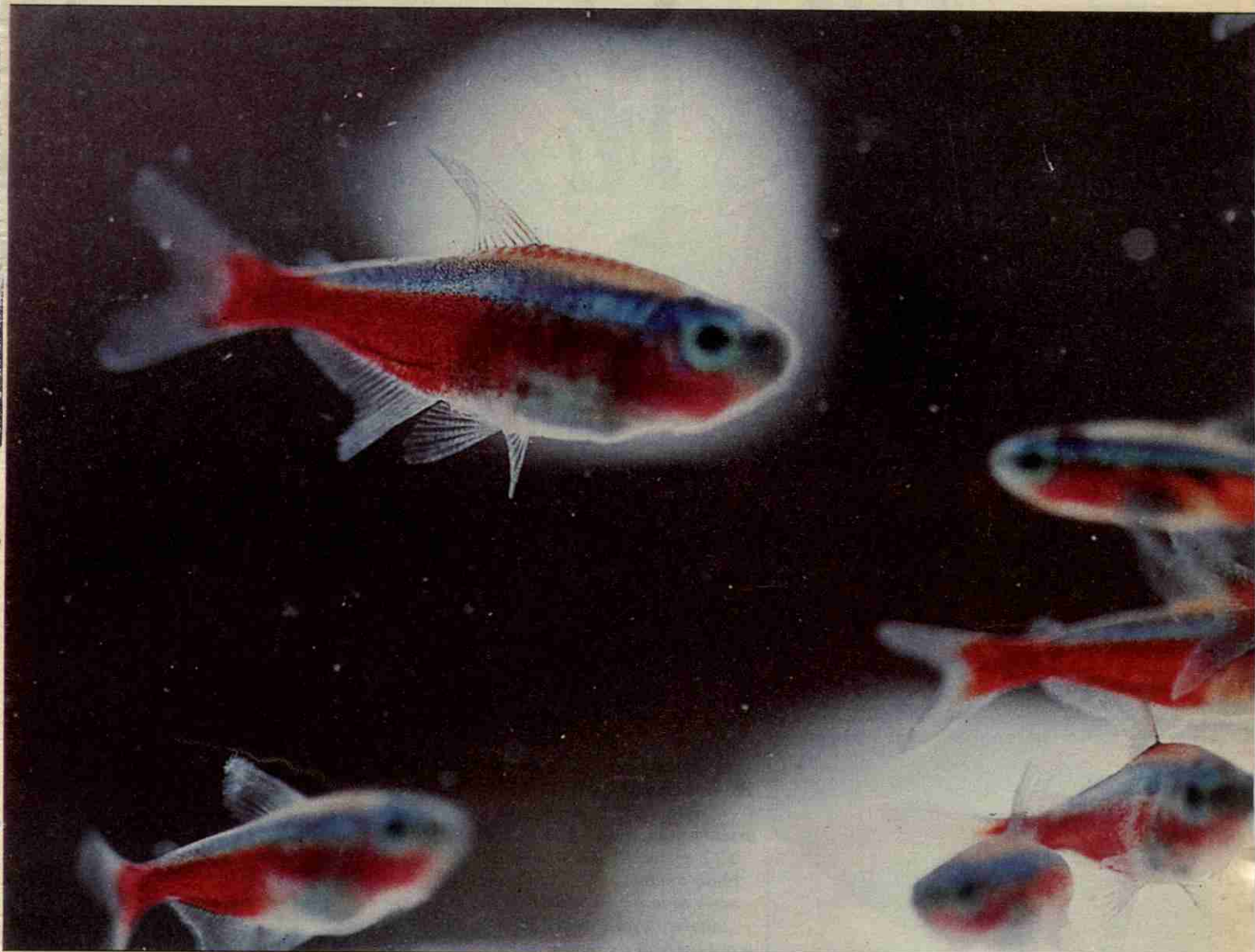
ISCA AROMÁTICA — A pesca, propriamente, é feita com um rapichê, variação amazônica para o tradicional samburá, o cesto de tela verde usado para recolher peixes. O piabeiro mergulha o rapichê na água e retorna com uma carga de centenas de peixes coloridos. Outra técnica usada é o cacuri, espécie de armadilha instalada dentro da água e preparada com isca especial — mistura de peixe assado e óleo, chamada pitiú, que forma uma pasta aromática. Os peixes ornamentais capturados com o cacuri ou com o rapichê são armazenados em caixas de plástico até chegar aos aquaristas.

No Amazonas, as autoridades permitem a captura de 177 espécies de peixes ornamentais. A pesca só é proibida entre 10 de maio e 1º de julho, época da reprodução. Os do Rio Negro são coloridos, de formas variadas, e não chegam a ter 5 centímetros de comprimento. Os piabeiros os chamam por nomes locais como cardinal, acará, pistograma, borboleta, sarapó, bodô-onça e rodóstomo. O mais procurado é o cardinal, um peixinho com faixas avermelhadas e muito popular entre os que têm aquário em casa

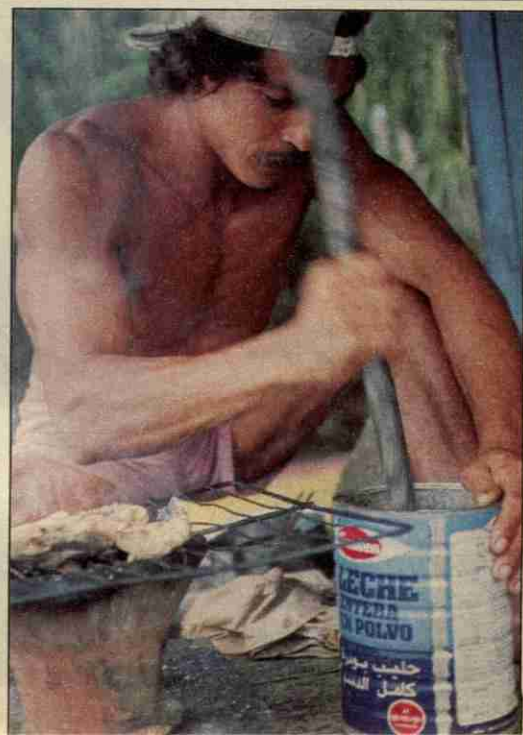


FOTOS: PEDRO MARTINELLI





O milheiro de cardinais (*acima*), os mais procurados peixes ornamentais dos igarapés do Rio Negro, é vendido pelo piabeiro (*à esq.*) ao aquarista da cidade por algo entre 7 e 10 reais, mas chega à Inglaterra e ao Japão valendo 500 dólares. As espécies da região são capturadas em armadilhas que usam como isca o pitiú, pasta aromática feita pelos pescadores (*à dir.*) com uma mistura de peixe assado e óleo

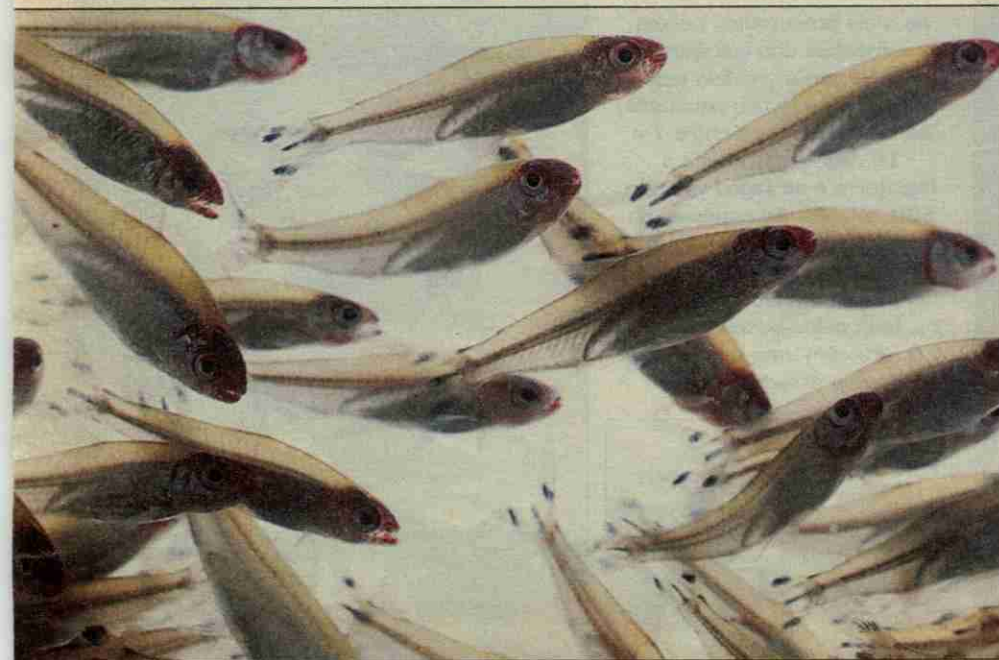




FOTOS PEDRO MARTINELLI



No barco a motor (acima), o pescador transporta a sua carga semanal de dezenas de milhares de peixes ornamentais, capturados entre 177 espécies. Os exóticos bodô-onças (à dir.), acarás-açus (à esq.) e rodóstomos (abaixo) têm menos de 5 centímetros de comprimento



Em Barcelos, o milheiro de cardinais é vendido pelo pescador ao representante do aquarista por algo entre 7 e 10 reais. Alguns piabeiros conseguem capturar dezenas de milhares de peixes por semana nos igarapés do Rio Negro. Em média, eles ganham 300 reais por mês, mas há quem fature até 1 000 reais. De Barcelos, os peixes são transportados de barco para Manaus, numa viagem que dura 24 horas. Lá, ficam em observação entre trinta e cinquenta dias, período em que recebem vitaminas, remédios e ração alimentar. É um tempo de engorda e preparação para o aquário. Depois, seguem de avião para várias partes do mundo, acondicionados em recipientes oxigenados. No Japão ou na Inglaterra o milheiro de cardinais não sai por menos de 500 dólares. Ou seja, entre o piabeiro e o aquário japonês ou inglês, os peixes se valorizam mais de sessenta vezes. ■